

## Como se faz teoria social no Brasil? Hagiografia, extroversão intelectual e avanços (2010–2019)

Marcelo C. Rosa<sup>1</sup>   
Matheus A. P. Ribeiro<sup>1</sup> 

### INTRODUÇÃO

Este artigo se insere em uma tradição recente de reflexões sobre o estado da arte e as características da produção sociológica brasileira publicada sobre teoria social.<sup>1</sup> A pesquisa que subsidiou a produção desta reflexão teve como primeiro passo traçar os caminhos das produções sobre teoria social no conjunto de obras da série *O que ler na ciência social brasileira*, dividida em dois conjuntos — “1970–1995” (Miceli, 1999) e “1970–2002” (Miceli, 2002) —, e posteriormente seguida de *Horizonte das ciências sociais no Brasil: sociologia* (Martins, 2010).

Este ponto de partida já nos permite enunciar algumas das problematizações que serão levantadas no interior deste artigo, pois, uma vez observadas as três obras, nota-se que as duas primeiras, Miceli (1999) e Miceli (2002), não têm capítulos que tratem especificamente da produção de teoria social feita por brasileiros. A edição de Miceli (1999) abarca eixos temáticos que compreendem temas como classes sociais, mobilidade social, intelectuais brasileiros, interpretações

sobre o Brasil, estudos de gênero, sociologia da religião e estudos sobre profissões no Brasil. O volume de Miceli (2002), por sua vez, é dividido nos eixos de cultura, justiça e segurança, agricultura e educação. Em ambos, resta ausente a reflexão sobre intelectuais brasileiros que produzam ou debatam teoria.

A ausência de um acúmulo permanente de revisões sobre uma produção intelectual brasileira em teoria social, entre outras causas, possivelmente guarda conexão com as características da história de institucionalização de nossas ciências sociais. O enfoque em temas como desenvolvimento, relações raciais e contato cultural, que marca os primeiros trabalhos de fôlego de nossa ciência social acadêmica, estava diretamente ligado a problemas sociais nacionais ou a demandas de organismos internacionais (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]), aos quais se pretendia dar algum tipo de resposta concreta.

A diversificação temática, que ocorre a partir dos anos de 1970 e se estende até hoje, encontra no final dos anos de 1990 os primeiros passos para a institucionalização

---

<sup>1</sup> A opção por refletir apenas sobre os trabalhos publicados nos principais veículos acadêmicos do país visa reforçar a noção de que somente o que é publicado passa (em tese) pelo crivo de pares que conhecem o tema. Trabalhos e intervenções em congressos e grupos sobre teoria não necessariamente chegam a este momento.

---

<sup>1</sup>Universidade de Brasília – Brasília (DF), Brasil. E-mails: [marcelocrosa@gmail.com](mailto:marcelocrosa@gmail.com), [matheus.sociologia.unb@gmail.com](mailto:matheus.sociologia.unb@gmail.com)  
Recebido em: 02/04/2020. Aceito em: 17/06/2020.

de um debate mais sistemático sobre teoria social.<sup>2</sup> Cabe mencionar que a mais exitosa tradição intelectual que envolveu sociólogos brasileiros, capaz de influenciar os meios intelectuais internacionais, como exposto em Ruvituso (2020) e Costa (2019), foi a teoria da dependência, que, apesar de seu caráter teórico, sempre esteve mais associada à descrição e à interpretação dos processos de modernização e desenvolvimento periféricos.

A partir do volume de 2010, a série da Anpocs passou a analisar, pela primeira vez, o caráter das produções em teoria social brasileiras, com ênfase na sua capacidade de intervir “nos principais debates teóricos desenvolvidos no âmbito da disciplina” (Costa, 2010, p. 26). O texto de Costa, que analisa apenas artigos publicados na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (RBCS), entre 1998 e 2010, traz uma conclusão contundente que contribui para a compreensão da ausência, nas produções anteriores da Anpocs, de discussão capaz apresentar ferramentas teórico-metodológicas inovadoras no Brasil.

Entre os artigos pesquisados não se encontrou um único trabalho de cientista social brasileiro que fosse orientado por uma teoria própria ou que buscasse modificar ou ampliar parte significativa das teorias às quais se referem. (Costa, 2010, p. 44).

As conclusões de Costa sobre a RBCS revelam a posição periférica que os deba-

tes e a pesquisa em teoria ocupam em uma das principais revistas do Brasil e, do nosso ponto de vista, em periódicos de todo o mundo. Conforme apresentamos adiante, a pesquisa que sustenta o presente artigo indica que a conclusão, a partir da RBCS, de que no Brasil se fazia “teoria por adição” até 2010 (Costa, 2010) pode ser estendida para a quase totalidade da produção brasileira que se identifica com a área de teoria vinculada à sociologia também na década seguinte (2010–2019), mesmo com uma base de dados ampliada.<sup>3</sup>

No presente texto, analisamos as formas de intervenção intelectual que caracterizam o debate sociológico brasileiro em teoria social publicado nos últimos dez anos (2010–2019). A partir delas, pontuamos em que medida esses trabalhos têm conseguido contribuir com ferramentas analíticas inovadoras às ciências sociais, mediante a proposição de novas teorias, conceitos ou metodologias. O trabalho buscou considerar, uma década depois, a atualidade ou não dos resultados apresentados em Costa (2010). Para tanto, utilizamos uma base de dados mais ampla, que contempla as revistas brasileiras publicadas de 2010 a 2019, classificadas pela área de sociologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nos níveis A1, A2 e B1 do Qualis-Periódicos (vinte revistas),<sup>4</sup> e um conjunto derivado de livros publicados no Brasil com o tema de teoria social. Como buscamos testar justamente a consistência nacional da

2 Segundo Silva (2007), o primeiro registro de grupo sobre teoria social no Congresso da Anpocs é apenas de 1997. Essa presença tardia ajuda a compreender a ausência do tema nas revisões propostas por essa associação.

3 O trabalho de Costa (2010) não se limita à sociologia, incluindo outras áreas das ciências sociais presentes na RBCS.

4 Qualis Periódicos é uma ferramenta da Capes para classificação e hierarquização do volume e da qualidade da produção brasileira em periódicos. Em 2017, as revistas eram divididas em sete níveis: A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5.

área, excluímos as publicações internacionais de autoras e autores baseados no Brasil.<sup>5</sup>

Argumentamos que as formas de intervenção intelectual que caracterizam o debate sociológico brasileiro publicado em teoria social concentram-se em:

- Produções engajadas na reconsagração de autores
- Produções engajadas em descrever movimentos teóricos
- Produções inovadoras, porém não apropriadas localmente.

Ao apresentar esses resultados, este texto discute o lugar da teoria na sociologia brasileira em diálogo com produções que tratam da geopolítica da dependência acadêmica, da extroversão intelectual (Hountondji, 1997) e da mentalidade cativa (Alatas, 2003). A conclusão principal, forjada na pesquisa, é de que, salvo casos isolados, a sociologia brasileira tem se abtido de instigar pesquisadores e pesquisadoras a construírem contribuições inovadoras no campo da teoria social. Pesquisar e publicar sobre teoria no Brasil (entendendo que uma pesquisa somente se torna legítima ao ser publicada) significa primordialmente:

- Oferecer aos leitores brasileiros um mapa interpretativo da produção internacional
- Encontrar formas sofisticadas de aplicação dos modelos teóricos consagrados para temas desenvolvidos localmente.

Em sua estrutura, o texto, primeiramente, discute o papel secundário relegado às produções teóricas de brasileiros no meio intelectual nacional, problematizando o *sta-*

*tus* das contribuições feitas no país sob o rótulo de pensamento social e a formação acadêmica de nossos quadros, pouco voltada à pesquisa em teoria social. Em seguida, faz-se uma explanação dos pontos investigados na pesquisa e da metodologia empregada, bem como a apresentação e a problematização dos resultados encontrados. Após descrever e problematizar os resultados, e pontuar os poucos casos com intenção efetiva de promover alguma inovação no contexto brasileiro, o artigo é finalizado com um levantamento de hipóteses que podem orientar engajamentos futuros neste debate.

### **TEORIA É O QUE O CENTRO FAZ! PENSAMENTO SOCIAL NÓS TAMBÉM FAZEMOS...**

Compreender as formas de intervenção intelectual que caracterizam o debate sociológico brasileiro sobre teoria social nos últimos dez anos passa por dar sentido, primeiramente, ao modo como esse tipo de contribuição intelectual é empreendido em solo nacional e qual relação mantém com as produções hegemônicas do campo. A socióloga australiana Raewyn Connell tornou-se referência para o debate brasileiro por meio da participação em eventos e da publicação em revistas nacionais, oferecendo reflexões profícuas à compreensão da posição do Brasil na geopolítica do conhecimento. Em um de seus primeiros textos em português, originado de uma conferência no encontro da Anpocs de 2011, a autora faz uma provocação a partir da afirmação de que “teoria é o trabalho que o centro

---

5 O trabalho de Ribeiro (2018) trata da inserção de publicações de autores brasileiros, e do Sul Global em geral, em periódicos de teoria social internacionais. O trabalho do autor reforça alguns dos elementos que serão enfatizados neste artigo, como a posição periférica do Brasil em se tratando da divisão internacional do trabalho intelectual. Uma das principais características dos artigos de brasileiros publicados em revistas internacionais de teoria social é a ênfase em estudos de caso focados no contexto nacional ou latino-americano.

faz” (Connell, 2012, p. 9). Sua intenção com esse texto era mobilizar os intelectuais brasileiros a analisarem sua posição periférica no campo das ciências sociais, apontando para a divisão internacional do trabalho intelectual que privilegia o Norte Global como local de produção de teoria.

No artigo citado e em seu livro anterior (Connell, 2007), a autora usa indiscriminadamente as expressões “pensamento social” e “teoria” como sinônimos para Teoria, sem recorrer a uma definição específica. É importante pontuar esse modo como se lida com os dois termos. Frequentemente, no debate sociológico, controvérsias são levantadas pontuando a natureza de cada um desses termos e o modo como ambos são utilizados para classificar e hierarquizar produções intelectuais mundo afora. Lynch (2013) discorre sobre os motivos de a reflexão política brasileira ser tratada pela denominação de *pensamento social*, e não *teoria*. O autor afirma que tal dicotomia é frequentemente marcada por uma clara hierarquização geopolítica que dá ao *pensamento* — brasileiro, latino-americano — o *status* de uma reflexão inferior à *teoria*, que se definiria pela sua dimensão abstrata e descolada de qualquer marcador geográfico.

Em publicação recente, mesmo autores que têm analisado criticamente a hegemonia do Norte Global no interior das ciências sociais e buscado ampliar os cânones da teoria sociológica (Alatas; Sinha, 2017), asseveram que o pensamento social difere da teoria sociológica por ser menos formal e sistematicamente apresentado. Segundo esses autores, os textos de pensamento social teriam menor preocupação com definições, conceitos e teorias. É bastante esclarecedor o fato de que

quase tudo o que é apresentado como novidade por Alatas e Sinha (2017) como possível cânone não hegemônico — geopolítico ou de gênero — é tratado como pensamento social, e não como teoria. Apenas para Marx, Weber, Durkheim e Ibn Khaldun, também presentes no livro, é reservado o uso do último termo.

Uma consulta ao termo “teoria” no repositório<sup>6</sup> de ementas da Capes de cursos oferecidos em programas de pós-graduação da área de sociologia indica uma expressão bastante conhecida dessa diferença. Sob o rótulo de *pensamento social* são encontradas apenas disciplinas associadas ao Brasil ou à América Latina — em 2018, não existiam disciplinas com foco em outras regiões em seus títulos. Além disso, um breve olhar sobre as ementas de cursos de sociologia oferecidos no Brasil demonstra que as disciplinas de pensamento social — predominantemente brasileiro — tendem a mudar rotineiramente e nem sempre são parte obrigatória da formação dos pesquisadores. As disciplinas de teoria social ou sociológica ofertadas, por sua vez, apresentam menor variação em sua bibliografia e são *loci* específicos para o estabelecimento de tais consensos hegemônicos. Seguindo o mesmo estilo de Alatas e Sinha (2017), no Brasil não ousamos incluir reflexões feitas em nossa região geográfica sob o rótulo de teoria em nossos cursos. A resposta mais simples a ser produzida é a de que, assim como os colegas asiáticos, não consideramos aquilo que é produzido aqui e em regiões periféricas como sistemático e formal.

Cientes de que o trabalho de pesquisa a ser apresentado neste artigo contempla também o que se chama de Pensamento Social

---

6 Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

Brasileiro e que este foi explorado por outros autores nesta revista (Brasil Júnior; Jackson; Paiva, 2020), defendemos que a linha que separa teoria de pensamento social é dinâmica. Ela tem menos relação com a sistematicidade do que foi escrito por autores e autoras ou sua precisão, e mais com a forma como seus escritos são utilizados e reproduzidos para formar pesquisadores e estudantes num contexto de inserção geopolítica periférica (Maia, 2011).

Certos escritos ou “pensamentos sociais” tornam-se teoria na medida em que são rotineiramente apresentados, depurados e debatidos no ambiente acadêmico em uma perspectiva de longa duração. Eles se tornam precisos porque se constroem consensos e leituras sintéticas predominantes sobre eles, e não necessariamente por sua qualidade intrínseca. É nesse sentido que não poderíamos ignorar, por exemplo, como a escrita e a difusão global de um texto como *A estrutura da ação social* de Talcott Parsons (2010) contribuiu definitivamente, quando associadas a outros processos, para a consolidação e a sistematização das obras de Durkheim e Weber como sinônimos de textos clássicos de teoria sociológica (Pareto, por sua vez, apesar de central no livro, não teve o mesmo destino). O mesmo poderia ser pensado para Marx, que se consolida como clássico de Teoria Sociológica por meio da incorporação de seus textos, comentaristas e seguidores marxianos na formação básica de ciências sociais ao longo do século XX. Defendemos, portanto, que a sistematicidade e a formalização de certas noções se tornam Teoria quando diversos operadores externos ao próprio texto executam esse trabalho de sistematização em suas obras, congressos e salas de aula.

Para além do *status* menor que é dado às contribuições teóricas de cientistas sociais brasileiros, se comparadas com o prestígio associado às obras de autores estrangeiros, no Brasil nota-se que a própria formação curricular dos programas de pós-graduação relega à pesquisa em teoria social um papel diminuto. No país, toda pesquisa em sociologia acontece a partir de programas de pós-graduação. Dos 53 programas avaliados por essa área, em 2018, 11 tinham linhas de pesquisa em teoria, e oito em pensamento social, em sua grade formativa.<sup>7</sup> Em termos práticos, isso significa que pouco mais de um terço dos programas tinha pesquisas e oferecia formação específica nessa área. Mais do que isso, para além de linhas de pesquisa específicas, a área de avaliação em sociologia na Capes condicionou, em seus documentos vigentes até 2018, a existência de cursos de mestrado e doutorado ao oferecimento obrigatório de disciplinas de Teoria Clássica e de Teoria Contemporânea (sem definição clara sobre suas fronteiras). Em absolutamente nenhuma das bibliografias desses cursos presentes na Plataforma Sucupira para o ano de 2018 havia autoras e autores brasileiros. Consultamos os mesmos arquivos para os programas classificados com notas 6 e 7, e extraímos os cursos de Teoria que estavam ativos no ano de 2019. Para cursos obrigatórios, não encontramos nas bibliografias nenhum texto de teoria escrito por mulheres. Na mesma base de dados, foram encontrados textos de apenas cinco autoras como bibliografia de apoio cuja finalidade era apresentar ou comentar teorias feitas por autores homens.

Pela lógica da área na Capes, tornar-se pesquisador em sociologia exige o domínio

---

7 Disponível em: <[www.sucupira.capes.gov.br](http://www.sucupira.capes.gov.br)>. Acesso em: 4 jul. 2020.

de teoria sociológica. Conhecer teoria, no entanto, é diferente de pesquisar sobre teoria. Se todos no Brasil temos uma formação em teoria, isso não significa que tenhamos recebido formação para pesquisar sobre teoria ou para pesquisar sobre como desafiar criticamente a teoria de que tratamos em nossos cursos por meio da pesquisa. No Brasil, o mais provável é o treinamento para aplicação de teoria na pesquisa empírica, ou seja, para o uso da teoria como conteúdo normativo a fim de interpretar a realidade,<sup>8</sup> ou mesmo como meio para comentário ou exegese da produção de um autor e/ou de uma tradição intelectual.

Foi a partir dessa avaliação da conjuntura da área de Teoria Social e Sociológica que iniciamos uma pesquisa acerca das publicações nacionais sobre o tema, debruçando-nos sobre suas características, autoras e autores, estilos, temas e formas de apresentação.<sup>9</sup>

## METODOLOGIA

Com o interesse em compreender e sistematizar o modo como a discussão sobre teoria social é realizada no Brasil, a pesquisa decidiu por trabalhar com aquela que pode ser considerada a principal forma de circulação do conhecimento sociológico: a publicação de artigos e livros. Decidimos

por excluir de nossa análise os trabalhos e intervenções realizadas em congressos e grupos sobre teoria, partindo do pressuposto de que a publicação, ao passar pelo crivo dos pares, teria maior chance de contribuir para o debate contínuo e acumulativo acerca de determinado tema.

Tendo esta coleção origem em uma chamada específica feita por meio da Anpocs, optamos por levantar publicações que tenham ocorrido no intervalo dos últimos dez anos (2010–2019), em revistas classificadas pela área de sociologia na Capes nos níveis A1, A2 e B1 do Qualis Periódicos,<sup>10</sup> e um conjunto de livros com destaque em número de citações no debate nacional sobre teoria social. Optamos por realizar a pesquisa apenas com artigos e livros publicados por revistas e editoras do Brasil. Tal escolha buscou delimitar o universo de pesquisa ao padrão hegemônico da circulação do conhecimento de sociólogos e pesquisadores do país: voltado para a audiência e a construção de legitimidade em âmbito nacional. Desse modo, não tratamos aqui de analisar as publicações em veículos produzidos no exterior ou em outras línguas.

Primeiramente, considerando que a publicação em periódicos tende a ser o primeiro passo lógico para a apresentação de resultados de pesquisas que podem se transformar futuramente em livros, decidimos realizar

---

8 Diante de questões importantes levantadas pelas/os pareceristas, é preciso esclarecer que no Brasil não existem periódicos ou linhas editoriais específicas para o debate sobre teoria social.

9 No que diz respeito ao gênero de autoria, nota-se a predominância de textos individuais em 74% dos casos escritos de autores do sexo masculino em 60% das publicações. Mulheres publicando em grupo ou individualmente sobre teoria corresponderam a pouco menos de 20% do levantamento.

10 Qualis Periódicos é uma ferramenta da Capes para hierarquização do volume da produção brasileira em periódicos. Em 2017, as revistas eram divididas em sete níveis, sendo A1 e A2 os que atribuíam mais pontos ao programa que os tenha em suas bases de dados.

um levantamento de artigos de teoria publicados em revistas de sociologia.<sup>11</sup> O uso da plataforma *Web of Science* permitiu a construção de um banco de dados com a sistematização de informações sobre os artigos publicados em revistas indexadas na coleção SciELO, como o nome dos autores, o título do trabalho, o resumo e as palavras-chave. Tendo em vista o interesse em estudar os artigos no campo da teoria social, foi feita uma filtragem do total de publicações, selecionando apenas aquelas que tinham os léxicos “teori” e “teóri” citados nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave. A escolha por utilizar esse método de filtragem decorreu do interesse em capturar artigos que citassem a palavra “teoria” ou variações possíveis desta, como “teóricos”, “teórico”, “teórica”. Nesse sentido, enfocaram-se as produções que têm se apresentado diretamente sob rótulos que circundam a noção de teoria, excluindo-se reflexões que não estariam interessadas em participar estritamente deste tipo de debate.

Seguindo esses critérios, no universo de revistas classificadas como A1, A2 e B1 no Qualis Periódicos de 2017, foram selecionados 175 textos num total de vinte revistas brasileiras.<sup>12</sup> A pesquisa, nessa primeira fase, definiu-se pela análise bibliométrica, sem, no entanto, focar no universo de redes e citações das obras. Os instrumentos de pesquisa foram utilizados principalmente para buscar autoras e autores com atuação profissional no Brasil que identificam deliberadamente seus trabalhos com a área de sociologia e teoria social, e não o impacto de tais obras.

Para termos uma dimensão do lugar ocupado pelo tema “teoria” nesses periódicos,

o número total de artigos publicados nas revistas analisadas foi de 8.591, ou seja, cerca de apenas 2% declaram ter a teoria como objeto. Feito esse levantamento, foram desenhados alguns instrumentos de análise dos artigos. Realizamos uma análise do conteúdo de títulos, resumos e palavras-chave de cada um dos 175 artigos publicados, a partir da catalogação das publicações em quatro perfis de intervenção intelectual, com o interesse em diferenciar o tipo de relação com a teoria social que o artigo propunha. As categorias utilizadas foram: inovação, adição, comentário e inventário de usos-aplicação em pesquisa.

Os critérios que definem essas categorias são:

- **Inovação:** artigos que propunham novos conceitos, teorias e/ou metodologias no campo da teoria social.
- **Adição:** apropriação do termo forjado por Costa (2010) para artigos que apresentavam revisões de conceitos, teorias ou metodologias, propondo modificações em quadros teóricos já consolidados.
- **Comentário:** artigos que comentavam a obra de determinado autor, sem interesse em propor a revisão de sua teoria, ajustes em conceitos ou sua superação.
- **Inventário de usos-aplicação em pesquisa:** artigos que defendiam o valor de determinada teoria, indicando os usos possíveis no campo da investigação social ou realizando um trabalho analítico utilizando-se de determinada teoria para compreender ou explicar um objeto de estudo.

11 No antigo modelo de classificação de revistas Qualis/Capes, cada área do conhecimento hierarquizava, por critérios próprios, as revistas que eram consideradas mais relevantes para a sua área no Brasil e no mundo.

12 O universo de revistas publicadas como Qualis A1, A2 e B1 em 2017, pela área de Sociologia na Capes, foi de 210 periódicos, incluídos aqueles publicados em outros países.

Essa etapa de classificação foi acompanhada pela pesquisa em livros. Foram selecionados para análise livros que se atêm à área de teoria social, publicados entre 2010 e 2019. A amostra aleatória analisada foi formada a partir das obras citadas na pesquisa com os artigos de periódicos e, por isso, recua temporalmente para a década anterior, quando encontramos autores de artigos (2010–2019) com livros publicados em português. Assim como no caso dos artigos, intentou-se compreender o modo como, nessas obras, a discussão sobre teoria é apresentada.

Por fim, a pesquisa se deteve na análise dos artigos enquadrados nas categorias adição e inovação, visando compreender o tipo de produção intelectual apresentado por esses artigos e em que medida essas produções vêm sendo incorporadas ao debate sociológico nacional, trabalho que resultou na classificação desta produção em três grandes categorias.

## TEORIA SOCIAL E HAGIOGRAFIA

Ao se observar a frequência dos artigos nas categorias criadas pela pesquisa, é possível notar que a maior parte das publicações se enquadra como “comentário”, que alcança o total de 52,27% das publicações, seguida de artigos que fazem inventários de usos-aplicação de teoria em pesquisa, que totalizam 29,55% dos artigos. As categorias com menor quantidade de artigos são adição e inovação, com, respectivamente, 8,52% e 6,82% dos artigos orientados para intervir nos principais debates teóricos desenvolvidos no âmbito da disciplina.

A partir disso observa-se que a maior parte do debate brasileiro no campo da teoria social encontra-se concentrada em atividades que não apresentam novas fer-

ramentas teórico-metodológicas à esfera da sociologia nacional. A maior parte dos textos tende a reproduzir interpretações, conceitos e tradições intelectuais que já estão consolidados na disciplina. A soma de publicações baseadas em comentários e usos-aplicação da teoria, que totalizam 81,82%, expressa isso. Nesse sentido, a produção que discute teoria, nos periódicos nacionais analisados, nos induz a questionar em que medida as linhas de teoria social ou sociológica de nossas pós-graduações têm se mantido apenas como espaços nos quais se pesquisam possibilidades de aplicação de teoria ou, ainda, de leitura da história da sociologia e suas teorias.

Para além do domínio de reflexões sem caráter inovador, olhando essas publicações de forma mais detida, percebe-se que 56% do total desses artigos associavam teorias a determinados autores em seus títulos, seus resumos e suas palavras-chave, para situar o debate teórico com o qual estavam dialogando. Entre os autores citados, destacam-se: **Niklas Luhmann**, com sete citações diretas (Bachur, 2011; Torres Junior, 2014; 2016; Gutierrez; Almeida; Marques, 2011; Melo Júnior, 2013; Klein, 2017; Minhoto; Gonçalves, 2015), seguido de **Michel Foucault**, com seis citações (Schwengber; Meyer, 2011; Lockmann; Machado, 2018; Alves, 2017; Veiga-Neto; Rech; 2014; Avelino, 2017; Cardoso; Hirata; 2017), **Max Weber**, com seis citações e quatro textos (Sell, 2011; 2012; 2016; 2018; Silva, 2016; Weiss, 2014), **Pierre Bourdieu**, em cinco casos (Miguel, 2015; Peters, 2012; 2013; 2017; Moretti-Pire *et al.*, 2016), **Alberto Guerreiro Ramos**, em quatro (Lynch, 2015; Feres Júnior, 2015; Filgueiras, 2012; Maia, 2012), e **Axel Honneth**, em três publicações (Mendonça; Porto, 2017; Braga; Schumacher, 2013; Souza, 2012).



É relevante ainda ressaltar que a breve lista do parágrafo anterior inclui o nome de um único brasileiro: Guerreiro Ramos. O autor foi retomado com alguma força nos debates que associaram teoria social e Pensamento Social Brasileiro ao longo da última década por pesquisadores que circulam em um ou outro campo de pesquisa. Não é objeto deste artigo, mas seria importante para uma agenda de investigação sobre o tema analisar e sistematizar os pontos nos quais os colegas brasileiros reconhecem seus possíveis avanços teóricos para a sociologia global feita a partir da periferia (Bringel; Domingues, 2015).

Na pesquisa em livros, notamos que algumas das principais referências de teoria citadas estão localizadas na coleção “Sociologia: pontos de referência”, da editora Vozes. Nessa coleção temos dois livros de colegas atuantes no Brasil que apresentam autores como Niklas Luhmann (Rodrigues; Neves, 2017) e Georg Simmel (Vandenberghé, 2019). Não está em jogo aqui o conteúdo dos livros, mas o fato de que o ponto de vista usado para vender o livro e para sua apropriação é o do “indivíduo-autor”, e não exatamente da sua teoria, o que, inevitavelmente, o conectaria com outros atores.

Nessa mesma tendência, encontramos entre artigos e livros uma profusão de trabalhos sobre outros “indivíduos-autores”, como Marx (Cohn, 2016), Durkheim (Weiss, 2013; Weiss; Oliveira; Consolim, 2016), Mauss (Consolim; López; Weiss, 2018) e Butler (Pereira, 2018), que costumam operar a ligação entre os cursos de formação em teoria e seus estudantes. Nesse tipo de publicação, a obra de autores e de poucas autoras consagradas — Judith Butler e Nancy Fraser são as únicas a aparecer em duas publicações — é mediada e ganha sentidos de apropriação próprios forjados por pesquisadores

loais. Seguindo um perfil paradidático, os textos oferecem aos seus leitores a possibilidade de conhecer perspectivas geralmente pouco comuns no Brasil para compreender os textos, os conceitos e, principalmente, as autoras e os autores.

Uma característica importante do modo como livros e artigos são apresentados é justamente sua opção pelo nome do autor e da autora, e menos por conceitos ou rótulos específicos. Nessa chave, para além de termos descritivos substantivos, encontramos a referência ao estudo das teorias de uma ou outra autora ou autor. Esse tipo de enquadramento reifica a forma peculiar de associar teorias e biografias, mesmo que as últimas não sejam objeto de análise dos livros e artigos, nem dos cursos que oferecemos. Essa predominância de textos de teorias feitos individualmente por autores — em geral, homens — ou que fazem referência ao nome destes em títulos, resumos e palavras-chave remete a um traço apontado muitas décadas atrás por Bourdieu (1976) ao caracterizar o campo científico: o exercício intelectual da hagiografia, ou seja, de descrever a teoria social quase que exclusivamente pelos seus autores e suas biografias. De certa forma, nossos cursos e textos sobre teoria contribuem para renovar a consagração de autores, mas nem sempre para refletir sobre os avanços da teoria.

Quando apontamos, no primeiro tópico deste artigo, as diretrizes de formação da área de sociologia no Brasil, o que exige leituras de teorias clássicas e contemporâneas, estávamos também tentando indicar que nossas escolhas de leitura são primeiramente marcadas por autores — predominantemente homens —, e só depois por teorias, como veremos a seguir. Os dados demonstram a imensa dificuldade de separar as duas coisas e, em muitos casos, reduzem nossa intervenção nos debates de teoria a apresentar teorias

de terceiros. Pesquisadores em teoria, aqui e em outras partes do mundo, tendem a se transformar em embaixadores ou tradutores de certas teorias para o Brasil. Nesse modelo, autores e autoras euro-americanos/as aqui tendem a ser tratados como entidades transcendentes que nos guiam e condicionam nossa vida terrena acadêmica. Por opção e por força da geopolítica da disciplina e do mercado editorial, em muitos casos assumimos o papel de meros intermediários que recebem e transmitem teorias e métodos para aqueles não iniciados. Nos casos mais sofisticados, assumiríamos o papel de mediadores (Latour, 2005), imprimindo algum sentido próprio, porém de menor importância, associado ao modelo clássico hegemônico.

## TEORIA SOCIAL E MOVIMENTOS TEÓRICOS

Conforme descrito, as intervenções intelectuais em teoria social, no debate brasileiro, não se caracterizam apenas pela simbiose entre “indivíduos-autores” e suas teorias; também há os trabalhos que se apresentam em diálogo com correntes e movimentos teóricos. No grupo dos trabalhos que fazem referência em títulos, resumos e palavras-chave a uma determinada teoria, sem centrar em autores, classificamos 20,57% dos artigos e, neles, encontramos referências a 36 diferentes tipos de Teorias com nomes próprios. Nesse conjunto são citadas, em mais de um artigo, as seguintes: **Teoria do Valor Trabalho** (Dal Rosso, 2014; Prado; Pinto, 2014; Cavalcante, 2014; Amorim, 2010); **Decolonialidade** (Assis, 2014; Balustrin, 2013; Ferreira, 2014); **Teoria Crítica** (Melo, 2011; Domingues, 2011a; 2016; Klein, 2017); **Teorias Feministas** (Simões-Barbosa; Dantas-Berger, 2017; Auad, 2018; Matos; Paradis, 2014); **Interacionismo**

**Simbólico** (Martins, 2013; Nunes, 2013); **Teoria dos Sistemas** (Neves, 2015; Holmes, 2015); **Teorias do Reconhecimento** (Lelo, 2017; Pinto, 2016); e **Teoria Queer** (Miskolci, 2017; Pereira, 2012). As demais 17 teorias foram citadas em apenas um artigo. Novamente, é predominante a publicação de artigos que comentam e apresentam certas Teorias ao público brasileiro ou que aplicam determinada Teoria a um tipo de pesquisa feito no Brasil.

Entre os 19 trabalhos que associam teoria a um tema específico de pesquisa, temos, como mostramos acima, os cinco casos sobre Pensamento Social Brasileiro e Teoria, em que domina o nome de Guerreiro Ramos. Nas demais publicações, encontramos quatro casos que tomam a teoria a partir da discussão com a modernidade (Bresser-Pereira, 2014; Domingues, 2016; Tavolaro, 2014; 2017), e uma lista de casos únicos em temáticas como relações raciais, ciência e tecnologia, corpo, sociologias do Sul e campesinato, apenas para ficar com os temas mais comuns da área no Brasil.

Combinando os dois modelos anteriores de hagiografia e os movimentos teóricos, podemos citar também os escritos de Frédéric Vandenberghe. Suas publicações, na última década, o aproximam de um estilo já exemplificado aqui. São obras que visam apresentar às comunidades nacional e internacional leituras e interpretações específicas sobre teorias clássicas e contemporâneas. Seguindo o estilo convergente que marca a obra de Margaret Archer, Vandenberghe apresenta rotineiramente sínteses e propostas de fusão entre movimentos teóricos contemporâneos. Suas intervenções contribuiriam para a disseminação local da própria obra de Margaret Archer e de suas interlocuções com o realismo crítico de R. Bashkar, do que tem agora sido classificado como sociologia re-

lacional, e, anteriormente, de autores como Georg Simmel, Pierre Bourdieu e Bruno Latour, entre outros.

Apesar de muitas dessas contribuições conterem inflexões próprias do autor no estilo de “teoria por adição”, que alargam conceitos e teorias presentes nas obras dos autores e movimentos intelectuais que dão título e palavras-chave aos textos, especialmente no Brasil elas são citadas e utilizadas como mediadores da leitura da obra original. Quando Vandenberghe é citado por autoras e autores brasileiros, é para apresentar alguns dos autores acima, e não para marcar alguma contribuição própria de seus textos. Seus livros de mais ampla citação no Brasil são justamente aqueles sobre Georg Simmel e sobre a teoria social realista (Vandenberghe, 2010; 2019).<sup>13</sup>

## **ALGUNS (POUCOS) AVANÇOS**

Considerando-se apenas textos e coletâneas que buscaram realizar diálogos provocadores entre noções desenvolvidas no pensamento social brasileiro e latino-americano, bem como outras consagradas em nossos cursos formativos de teoria, merecem destaque os escritos de Maia (2012) e Botelho (2013). Cabe também menção ao livro de Chaguri e Medeiros (2018) que faz recorte semelhante para pensar as condições e peculiaridades de se fazer teoria ao Sul e conta com a contribuição de diversos autores e autoras aqui citados.

Como apontado pelo trabalho de Ribeiro (2018), José Maurício Domingues talvez seja o único sociólogo brasileiro que publi-

ca sistematicamente em revistas de teoria social internacionais. Precursor nos debates nacionais sobre modernidade, por meio do desenvolvimento da noção de “subjetividade coletiva” nos anos 1990 (Domingues, 1999), sua obra se desenvolveu na última década com a intensificação do diálogo entre teoria social global, modernidade e vida política latino-americana contemporânea, incluindo a noção de semiperiferia (Domingues, 2012). Nessa chave, outra inovação conceitual que encontramos em suas obras é a noção de “terceira fase da modernidade” como ferramenta para a compreensão das articulações específicas que se desenvolveram na região. Essa noção também se apresenta como uma crítica teórica do uso do termo pós-modernidade. Mais recentemente, seus textos retomam inflexões específicas para debater possíveis avanços teóricos na sociologia política, com ênfase na teoria crítica (Domingues, 2016).

O caso de José Maurício Domingues reforça o padrão de difusão e recepção no Brasil encontrado no uso primordial que se faz no país das obras de Vandenberghe. Mesmo que as obras de Domingues, citadas anteriormente, procurem claramente intervir conceitualmente no atual debate sobre modernidade e política em escala global, no Brasil sua obra mais citada é o texto no qual o autor procura traçar a trajetória e a apropriação de determinados conceitos-chave da história da sociologia (Domingues, 2014).<sup>14</sup> Ou seja, uma obra que procura primordialmente apresentar uma história da disciplina, e não conceitos do próprio autor, como ressaltado acima. De certo modo, mais do que

13 Segundo dados do Google Scholar, em maio de 2019, Vandenberghe (2010) e Vandenberghe (2019) tinham, respectivamente, 84 e 100 citações no Brasil.

14 Domingues (2014) tinha, em maio de 2019, 160 citações no Google Scholar, ante 130 de seu livro anterior, também em português.

sua intervenção específica na teoria global, são seus escritos que comentam e criticam certos movimentos teóricos que acabam por ganhar mais recepção por estas terras.

Como podemos ver, no âmbito e nos limites da pesquisa que realizamos, a empreitada de publicar deliberadamente para intervir no debate global da teoria social tem se concentrado, no Brasil, praticamente nas mãos de apenas um autor. Se conectarmos essa constatação com as reflexões sobre a bibliografia obrigatória dos cursos de teoria oferecidos em nossos programas de pós-graduação que citamos acima, perceberemos que a obra de Domingues também não figura nas bibliografias informadas à Capes.<sup>15</sup> Essa ausência denota a dificuldade que nós mesmos temos de reconhecer e absorver o trabalho de colegas brasileiros quando o assunto é teoria global.

## **CONCLUSÃO — GEOPOLÍTICA DA TEORIA PERIFÉRICA**

Ainda na década de 1980, a Associação Internacional de Sociologia, sob a presidência do brasileiro Fernando Henrique Cardoso, criou uma revista específica para ampliar o espectro geográfico de colaborações em suas publicações, até então concentradas nos Estados Unidos e na Europa. A *International Sociology* e os debates nela divulgados nos primeiros números refletiram dilemas que são comuns à prática de sociologia. Como democratizar a disciplina sem perder sua pretensa unidade que era garantida pela hegemonia euro-americana? Quais os limites disciplinares da sociologia em um contexto de necessária expansão geopolítica de sua audiência para países nos

quais não existe esse grupo profissional consolidado? Até onde poderíamos ampliar nossas referências teóricas sem perder a uniformidade do que fazemos? (Archer, 1991; Sztompka, 2009; 2011).

Essa tensão entre expansão e uniformidade contribui para compreendermos o estatuto dos debates sobre teoria também no Brasil, como apresentamos. A expressão “teoria por adição”, forjada por Costa (2010), revela uma forma possível e politicamente conveniente de fazer as coisas a partir da periferia: afirmar o protagonismo histórico de modelos analíticos considerados canônicos para garantir nichos de prestígio locais. Fraseando de outra forma, ingressamos nos debates nos colocando em uma posição periférica e corroboramos a expressão consagrada por Connell (2012): “teoria é o trabalho que o centro faz”. Posição semelhante a essa é apresentada por Domingues (2011b), ao expor as possíveis contribuições teóricas de Gabriel Cohn para a noção de dominação. Para o autor, a timidez de autores nacionais para intervir no debate teórico global se deve ao fato de as pensarmos como “questões que fogem à nossa esfera de possibilidades efetivas” (Domingues, 2011b, p. 429).

Esse modo de inserção pode ser traduzido, nas palavras de Hountondji (1997), como *extroversão* — orientação intelectual para o exterior — e *endogenização* — adaptação crítica dos modelos analíticos do centro. Compreendendo que a *endogenização* tem sido lida como um atributo positivo da política disciplinar periférica (Alatas, 2003), esta poderia ser vista como o desafio (e a adição) às teorias hegemônicas pela pesquisa produzida na sociologia fora do centro.

---

15 Não podemos ignorar o fato de que os textos desse autor são usados em bibliografias de cursos específicos de certos professores e professoras. O ponto principal é que seus textos estão ausentes da bibliografia básica sobre teoria submetida para avaliação da qualidade dos programas.

É provavelmente na relação entre teoria e pesquisa que reside o maior desafio dos debates nessa área no Brasil, mas não somente. Como vimos, as publicações que se apresentam como de teoria tendem a ser livros e artigos cuja pesquisa e fontes são os próprios textos de teoria comentados. São experimentos nos quais a teoria desafia a teoria. Nos prováveis casos nos quais trabalhos empíricos contribuem para desafiar cânones teóricos, autoras e autores tendem a apresentar em títulos e palavras-chave identificadores outros que não a palavra teoria, colocando-os fora de análises como a que fizemos aqui. A exceção surge em textos como o de Maia (2013) sobre a condição periférica e a noção de Sul (Rosa, 2014; Chaguri; Medeiros, 2018), que foram esporadicamente trazidos ao debate como forma de ilustrar e descrever a história da sociologia em países como o nosso.

Da forma como foi apresentado, o texto procurou demonstrar que a área de Teoria representa um ramo ainda pequeno do volume da pesquisa que se reverte na publicação, seja em livros, seja em periódicos nacionais. A dimensão restrita da área de pesquisa e de suas publicações corresponde às condições geopolíticas de se fazer sociologia em um país como o Brasil. Essas características influenciam também as condições e os modos de citações desses escritos, uma vez que qualquer proposição nacional sobre teoria tende a ter um tempo de absorção e replicação mais longo que a década abordada na pesquisa feita para este texto. Ainda sobre o limite da pesquisa, é preciso ter em conta que esses resultados não refletem tudo o que se fez no Brasil nesse tempo, mas apenas aquilo que foi coletado a partir dos critérios metodológicos apresentados diretamente por autoras e autores como Teoria.

Para além dos poucos casos de autoras e autores que buscaram intervir em publicações no Brasil no debate internacional (não utilizamos, por razões metodológicas, textos publicados no exterior) e que citamos, gostaríamos aqui de levantar, a partir de nossos resultados limitados, um conjunto de hipóteses para desenvolvimento futuro:

- A produção contínua da hagiografia de grandes nomes euro-americanos como sinônimos de teoria condiciona a mentalidade cativa das sociólogas e dos sociólogos brasileiros que, na melhor das hipóteses, se aventuram ao papel de comentaristas/as e tradutores/as locais do debate internacional.
- Do nosso ponto de vista, as situações mais favoráveis (menos cativas) nos permitiriam fazer aquilo que Costa (2010) chamou de “teoria por adição”, ou seja, estender modelos consagrados para pensar o caso do Brasil, como vimos no tópico sobre teoria social e movimentos teóricos. Nesses casos, teríamos uma alternativa próxima daquilo que alguns autores africanos classificaram de “endogenização da sociologia” (Hountondji, 1997; Nyamnjoh, 2012; Adesina, 2002).
- A teoria local como endogenização de problemas trazidos pelas grandes teorias nos coloca diante do problema dual do “ideográfico” e do “universal”. Em termos gerais, os textos aqui citados avançam no debate teórico a partir de adjetivos interpretados como ideográficos. Em nenhum caso aqui descrito o ideográfico desafia, como problema, o centro da teoria universal.
- Essa posição tem nos permitido reabrir a contribuição teórica de autoras e autores do chamado “pensamento social brasileiro” na chave da história da so-

ciologia. Nesse nicho, a sociologia (por vezes, ideográfica) que se fez aqui não precisa entrar em conflito intelectual com aquela feita hegemonicamente, e assim sobrevive para os crivos nacional e internacional sem maiores sobressaltos (Maia, 2017).

- Esses resultados de pesquisa ensinam a realização, no futuro, de estudos que proponham a comparação com o perfil de publicação de outros países na área de Teoria. É importante ter em conta que não é porque toda a teoria de-

batida e ensinada no Brasil tem origem na Europa e nos Estados Unidos, que as próprias sociologias euro-americanas sejam proporcionalmente mais teóricas que as que fazemos por aqui.

- Aprendendo com as poucas autoras e com os autores dos textos citados, chegamos à conclusão de que a opção por um lugar de periferia (ideográfico) tem sido, até o momento, a maneira que permite às e aos intelectuais que fazem sociologia no Brasil alguma autonomia intelectual no âmbito global da teoria.

## Bibliografia

- ADESINA, J. O. Sociology and Yoruba studies: epistemic intervention or doing sociology in the “vernacular”? **African Sociological Review**, v. 6, n. 1, p. 91-114, 2002. <https://doi.org/10.4314/asr.v6i1.23204>
- ALATAS, S. F. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. **Current Sociology**, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003. <https://doi.org/10.1177/00113921030516003>
- ALATAS, S. F.; SINHA, V. **Sociological theory beyond the Canon**. London: Springer, 2017. [https://doi.org/10.1057/978-1-137-41134-1\\_7](https://doi.org/10.1057/978-1-137-41134-1_7)
- ALVES, A. Repensando o papel do professor como agente transformador: parresia, cuidado de si e ética na formação de professores. **Pro-Posições**, v. 28, n. 1, p. 193-212, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0028>
- AMORIM, H. Valor-trabalho e trabalho imaterial nas ciências sociais contemporâneas. **Caderno CRH**, v. 23, n. 58, p. 191-202, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000100012>
- ARCHER, M. S. Sociology for one world: unity and diversity. **International Sociology**, v. 6, n. 2, p. 131-147, 1991. <https://doi.org/10.1177/026858091006002001>
- ASSIS, W. F. T. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Caderno CRH**, v. 27, n. 72, p. 613-627, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300011>
- AUAD, P. H. T. K. Estratégias históricas: teorias feministas, a história da literatura e a história do cinema nos anos 1970. **Cadernos Pagu**, n. 52, e185214, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800520014>
- AVELINO, N. Confissão e normatividade política: controle da subjetividade e produção do sujeito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 93, e329304, 2017. <http://dx.doi.org/10.17666/329304/2017>
- BACHUR, J. P. A diferenciação funcional da religião na teoria social de Niklas Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 76, p. 177-190, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092011000200010>
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

- BOTELHO, A. Teoria e história na sociologia brasileira: a crítica de Maria Sylvia de Carvalho Franco. **Lua Nova**, n. 90, p. 331-66, dez. 2013.
- BOURDIEU, P. Le champ scientifique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 2, n. 3, p. 88-104, juin 1976.
- BRAGA, M. M. S.; SCHUMACHER, A. A. Direito e inclusão da pessoa com deficiência: uma análise orientada pela teoria do reconhecimento social de Axel Honneth. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, p. 375-392, 2013.
- BRASIL JÚNIOR, A.; JACKSON, L. C.; PAIVA, M. O pequeno grande mundo do pensamento social no Brasil. **Revista de Informações Bibliográficas**. <https://doi.org/10.17666/BIB9106/2020>
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Modernidade neoliberal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 84, p. 87-102, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000100006>
- BRINGEL, B.; DOMINGUES, J. M. Teoria social, extroversão e autonomia: impasses e horizontes da sociologia (semi) periférica contemporânea. **Caderno CRH**, v. 28, n. 73, p. 59-76, 2015. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000100005>
- CARDOSO, B.; HIRATA, D. Dispositivos de inscrição e redes de ordenamento público: uma aproximação entre a Teoria do Ator-Rede (ANT) e Foucault. **Sociologia & Antropologia**, v. 7, n. 1, p. 77-103, 2017. <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v714>
- CAVALCANTE, S. M. Valor, renda e “imaterialidade” no capitalismo contemporâneo. **Caderno CRH**, v. 27, n. 70, p. 115-130, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000100009>
- CHAGURI, M. M.; MEDEIROS, M. A. (orgs.). **Rumos do Sul: periferia e pensamento social**. São Paulo: Alameda, 2018.
- COHN, G. O tempo e o modo: temas de dialética marxista. **Sociologia & Antropologia**, v. 6, n. 1, p. 33-60, 2016. <https://doi.org/10.1590/2238-38752016v612>
- CONNELL, R. **Southern theory: the global dynamics of knowledge in social science**. Australia: Allen & Unwin, 2007.
- CONNELL, R. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 9-20, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300001>
- CONSOLIM, M.; WEISS, R.; OLIVEIRA, M. (org.). **O Individualismo e os intelectuais**. São Paulo: Edusp, 2016. (Coleção Biblioteca Durkheimiana).
- CONSOLIM, M.; LÓPEZ, N. P.; WEISS, R. (org.). **Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia**: Marcel Mauss. Tradução Benthien e Rafael Faraco. São Paulo: Edusp, 2018. (Coleção Biblioteca Durkheimiana, 5).
- COSTA, S. Teoria por adição. *In*: MARTINS, C. B.; MARTINS, H. T. S. **Horizontes das ciências sociais: sociologia**. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 25-51.
- COSTA, S. The research on modernity in Latin America: lineages and dilemmas. **Current Sociology**, v. 67, n. 6, p. 838-855, 2019. <https://doi.org/10.1177/0011392118807523>
- DAL ROSSO, S. Teoria do valor e trabalho produtivo no setor de serviços. **Caderno CRH**, v. 27, n. 70, p. 75-89, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000100006>
- DOMINGUES, J. M. **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.
- DOMINGUES, J. M. Vicissitudes e possibilidades da teoria crítica hoje. **Sociologia & Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 71-89, 2011a. <https://doi.org/10.1590/2238-38752011v114>

- DOMINGUES, J. M. Dominação e indiferença na teoria crítica de Gabriel Cohn. **Dados**, v. 54, n. 3, p. 429-448, 2011b. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582011000300006>
- DOMINGUES, J. M. **Desarrollo, semiperiferia y periferia en la tercera fase de la modernidad global**. Buenos Aires: Clacso, 2012.
- DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 4.
- DOMINGUES, J. M. Teoria social crítica e tendências de desenvolvimento, emancipação e comunismo tardio. **Sociologia & Antropologia**, v. 6, n. 1, p. 61-86, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752016v6i13>
- DUTRA, R. A universalidade da condição secular. **Religião & Sociedade**, v. 36, n. 1, p. 151-174, 2016. <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n1cap07>
- FERES JÚNIOR, J. A atualidade do pensamento de Guerreiro Ramos: branquidade e nação. **Caderno CRH**, v. 28, n. 73, p. 111-125, 2015. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000100008>
- FERREIRA, A. C. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 1, p. 255-288, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000100013>
- FILGUEIRAS, F. B. Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. **Caderno CRH**, v. 25, n. 65, p. 347-363, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792012000200011>
- GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MARQUES, R. F. R. A influência de condições especiais de corporeidade na construção comunicativa de consensos. **Pro-Posições**, v. 22, n. 3, p. 165-176, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000300012>
- HOLMES, P. Deslocamentos transnacionais da soberania popular: Império e multidão como distinção pós-democrática? **Tempo Social**, v. 27, n. 1, p. 239-260, 2015. <https://doi.org/10.1590/0103-207020150113>
- HOUNTONDJI, P. J. (org.). **Endogenous knowledge: research trails**. Dakar: Dodesria, 1997. (African Books Collective).
- KLEIN, S. Niklas Luhmann, sistemas sociais: esboço de uma teoria geral. **Tempo Social**, v. 29, n. 3, p. 349-358, 2017. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125328>
- LATOUR, B. **Reassembling the social: an introduction to actor network theory**. New York: Oxford University Press, 2005.
- LELO, T. V. Seria a luta por reconhecimento uma aspiração à agência soberana? **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 22, p. 161-190, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220172205>
- LOCKMANN, K.; MACHADO, R. Pátria educadora? Uma análise das propostas para o ensino público brasileiro. **Pro-Posições**, v. 29, n. 1, p. 128-152, 2018. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0020>
- LYNCH, C. E. C. Por que pensamento e não teoria? A imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880–1970). **Dados**, v. 56, n. 4, p. 727-767, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000400001>
- LYNCH, C. E. C. Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953–1955). **Caderno CRH**, v. 28, n. 73, p. 27-45, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792015000100003>
- MAIA, J. M. E. Ao sul da teoria: a atualidade teórica do pensamento social brasileiro. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 2, p. 71-94, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000200005>
- MAIA, J. M. E. Reputações à brasileira: o caso de Guerreiro Ramos. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 4, p. 265-291, 2012. <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v24i2>



- MAIA, J. M. E. A imaginação da terra: o pensamento brasileiro e a condição periférica. **Tempo Social**, 25, n. 2, p. 79-97, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000200005>
- MAIA, J. M. E. História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, n. 1, p. 111-128, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702017000100003>
- MARTINS, C. B. C. O legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920–1930) na constituição do interacionismo simbólico. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, p. 217-239, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922013000200003>
- MARTINS, H. H. T. **Horizontes das ciências sociais no Brasil**: sociologia. São Paulo: Anpocs, 2010.
- MATOS, M.; PARADIS, C. G. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 57-118, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430057>
- MELO, R. Teoria crítica e os sentidos da emancipação. **Caderno CRH**, v. 24, n. 62, p. 249-262, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000200002>
- MELO JÚNIOR, L. C. M. A teoria dos sistemas sociais em Niklas Luhmann. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, p. 715-719, 2013.
- MENDONÇA, R. F.; PORTO, N. F. F. Reconhecimento ideológico: uma reinterpretação do legado de Gilberto Freyre sob a ótica da teoria do reconhecimento. **Dados**, v. 60, n. 1, p. 145-172, 2017. <https://doi.org/10.1590/001152582017117>
- MICELI, S. **O que ler na ciência social brasileira (1970–1995)**: sociologia. São Paulo: Editora Sumaré; Anpocs, 1999.
- MICELI, S. **O que ler na ciência social brasileira (1970–2002)**. São Paulo: Editora Sumaré; Anpocs, 2002.
- MIGUEL, L. F. Bourdieu e o “pessimismo da razão”. **Tempo Social**, v. 27, n. 1, p. 197-216, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-207020150111>
- MINHOTO, L. D.; GONÇALVES, G. L. Nova ideologia alemã? A teoria social envenenada de Niklas Luhmann. **Tempo Social**, v. 27, n. 2, p. 21-43, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-2070201522>
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. São Paulo: Autêntica, 2017.
- MORETTI-PIRES, R. O. *et al.* Pastores, ovelhas desgarradas e as disputas pelo rebanho: sobre a transcrificação na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2015. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 110, p. 99-116, 2016. <https://doi.org/10.4000/rccs.6392>
- NEVES, M. Ideias em outro lugar? Constituição liberal e codificação do direito privado na virada do século XIX para o século XX no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 88, p. 5-27, 2015. <http://dx.doi.org/10.17666/308805-27/2015>
- NUNES, J. H. Interacionismo simbólico e movimentos sociais: enquadrando a intervenção. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, p. 257-277, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000200005>
- NYAMNJOH, F. B. “Potted plants in greenhouses”: a critical reflection on the resilience of colonial education in Africa. **Journal of Asian and African Studies**, v. 47, n. 2, p. 129-154, 2012. <https://doi.org/10.1177/0021909611417240>
- PARSONS, T. **A estrutura da ação social**: Marshal, Pareto e Durkheim. São Paulo: Vozes, 2010.
- PEREIRA, P. P. G. Queer nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 371, 2012.

- PEREIRA, P. P. G. Judith Butler e a pomba-gira. **Cadernos Pagu**, n. 53, e185304, 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530004>
- PETERS, G. O social entre o céu e o inferno: a antropologia filosófica de Pierre Bourdieu. **Tempo Social**, v. 24, n. 1, p. 229-262, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702012000100012>
- PETERS, G. *Habitus*, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, p. 47-71, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000300004>
- PETERS, G. De volta à Argélia. A encruzilhada etnossociológica de Bourdieu. **Tempo Social**, v. 29, n. 1, p. 275-303, 2017. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.104448>
- PINTO, C. R. J. O que as teorias do reconhecimento têm a dizer sobre as manifestações de rua em 2013 no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. spe., p. 1.071-1.092, 2016.
- PRADO, E. F. S.; PINTO, J. P. G. Subsunção do trabalho imaterial ao capital. **Caderno CRH**, v. 27, n. 70, p. 61-74, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000100005>
- RIBEIRO, M. A. P. As expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- RODRIGUES, L. P.; NEVES, F. M. **A sociologia de Niklas Luhmann**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ROSA, M. C. Sociologias do Sul: ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 43-65, jan. 2014. Dossiê “Diálogos do Sul”.
- RUVITUSO, C. I. From the South to the North: the circulation of Latin American dependency theories in the Federal Republic of Germany. **Current Sociology**, v. 68, n. 1, p. 22-40, 2020. <https://doi.org/10.1177/0011392119885170>
- SCHWENGBER, M. S. V.; MEYER, D. E. Discursos que (con) formam corpos grávidos: da medicina à educação física. **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 283-314, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000100011>
- SELL, C. E. Democracia com liderança: Max Weber e o conceito de democracia plebiscitária. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, p. 139-166, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000100006>
- SELL, C. E. Racionalidade e racionalização em Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 153-172, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200010>
- SELL, C. E. Max Weber and the debate on social classes in Brazil. **Sociologia & Antropologia**, v. 6, n. 2, p. 351-382, 2016. <https://doi.org/10.1590/2238-38752016v623>
- SELL, C. E. Poder instituído e potência subversiva: Max Weber e a dupla face da dominação carismática. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, e339814, 2018. <https://doi.org/10.1590/339814/2018>
- SILVA, J. P. **Social theory in Brazil**: a preliminary balance of the experience of a social theory group. *In*: RESEARCH COMMITTEE ON SOCIOLOGICAL THEORY, INTERNATIONAL SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. Madrid: ISA, 2007. p. 4-6.
- SILVA, R. L. M. Capitalismo, confucionismo e teoria weberiana: reflexões empíricas sobre o caso sul-coreano. **Tempo Social**, v. 28, n. 1, p. 179-202, 2016. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.107998>
- SIMÕES-BARBOSA, R. H.; DANTAS-BERGER, S. M. Abuso de drogas e transtornos alimentares entre mulheres: sintomas de um mal-estar de gênero? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 1, e00120816, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00120816>

- SOUZA, L. G. C. O quê há de especificamente sociológico na teoria do reconhecimento de Axel Honneth? **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 4, p. 61-80, 2012. <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v244>
- SZTOMPKA, P. One sociology or many? *In*: PATEL, S. **The ISA handbook of diverse sociological**. Los Angeles: Sage Publications, 2009. p. 21-29. <http://dx.doi.org/10.4135/9781446221396.n2>
- SZTOMPKA, P. Another sociological utopia. **Contemporary sociology: a Journal of Reviews**, v. 40, n. 4, p. 388-396, 2011. <https://doi.org/10.1177/0094306111412512>
- TAVOLARO, S. B. F. A tese da singularidade brasileira revisitada: desafios teóricos contemporâneos. **Dados**, v. 57, n. 3, p. 633-673, 2014. <https://doi.org/10.1590/00115258201420>
- TAVOLARO, S. B. F. Retratos não-modelares da modernidade: hegemonia e contra-hegemonia no pensamento brasileiro. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 3, p. 115-e141, 2017. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2017.3.26580>
- TORRES JUNIOR, R. D. O problema da desigualdade social na teoria da sociedade de Niklas Luhmann. **Caderno CRH**, v. 27, n. 72, p. 547-561, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000300007>
- VANDENBERGHE, F. **Teoria social realista: um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VANDENBERGHE, F. **As sociologias de Georg Simmel**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- VEIGA-NETO, A.; RECH, T. L. Esquecer Foucault?. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 67-82, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200004>
- WEISS, R. Do mundano ao sagrado: o papel da efervescência na teoria moral durkheimiana. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 395-421, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000200015>
- WEISS, R. Max Weber e o problema dos valores: as justificativas para a neutralidade axiológica. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, n. 49, p. 113-137, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782014000100007>

## Resumo

*Como se faz teoria social no Brasil? Hagiografia, extroversão intelectual e avanços (2010–2019)*

Este artigo dialoga com produções recentes, promovidas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, sobre o estado da arte e as características da produção em teoria social no Brasil. Investigamos as formas de intervenção intelectual que caracterizam o debate sociológico nacional em teoria social nos últimos dez anos (2010–2019) e pontuamos em que medida esses trabalhos conseguem contribuir com novas proposições teóricas. Analisamos todas as revistas classificadas pela área de sociologia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior nos níveis mais elevados do Qualis Periódicos, de 2010 a 2019, e um conjunto de livros com destaque no debate nacional sobre teoria social. Argumentamos que a discussão sociológica brasileira acerca da teoria social concentra-se em: produções engajadas na reconsagração de autores; produções conectadas a movimentos teóricos; e produções inovadoras, porém não apropriadas localmente. Concluímos que a sociologia brasileira tem se absterido de instigar pesquisadores a construir contribuições inovadoras no campo da teoria social global.

**Palavras-chave:** Teoria social; Sociologia brasileira; Geopolítica do conhecimento; Sociologia da sociologia.

## Abstract

*How social theory is made in Brazil? Hagiography, intellectual extraversion and advances*

The paper engages in a dialogue with past Anpocs (*Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*) publications on the state of the art and the characteristics of production in social theory in Brazil. It investigates the forms of intellectual intervention that characterize the national sociological debate in social theory in the last decade (2010–2019) and points out to what extent these works are able to contribute with new theoretical proposals. Through an analysis of all the journals classified by Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) sociology area at the highest levels of *Qualis Periódicos*, from 2010 to 2018 and a set of books highlighted in the national debate on Social Theory, we argue that the Brazilian sociological discussion in social theory focuses on: productions engaged in the reconsecration of authors; productions connected to theoretical movements; and innovative productions, however, not locally appropriate. Our main finding is that Brazilian sociology has refrained from instigating researchers to build innovative contributions in the field of global social theory.

**Keywords:** Social theory; Brazilian sociology; Geopolitics of knowledge; Sociology of sociology.

## Résumé

*Comment se fait la théorie sociale au Brésil? Hagiographie, extraversion intellectuelle et avancées*

Cet article traite des productions récentes de l'Association Nationale des Études Supérieures et de la Recherche en Sciences Sociales (*Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*) sur l'état de l'art et les caractéristiques de la production en théorie sociale au Brésil. Les formes d'intervention intellectuelle qui caractérisent le débat sociologique national en théorie sociale au cours des dix dernières années (2010–2019) y sont étudiées, ainsi que dans quelle mesure ces travaux peuvent contribuer à des nouvelles propositions théoriques. Le corpus de la recherche comprend toutes les revues scientifiques classées selon les normes émises par le Comité de Sociologie de la Coordination pour le perfectionnement du personnel de l'enseignement supérieur (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*) et, aussi, un ensemble de livres mis en évidence dans le débat national sur la théorie sociale. A partir des résultats, la discussion sociologique brésilienne en théorie sociale est classée en trois groupes: des publications engagées dans la reconsécration des auteurs; des publications liées à des mouvements théoriques; et des publications innovantes, cependant, non appropriées localement. La principale conclusion est que la sociologie brésilienne s'est abstenue d'inciter les chercheurs à construire des contributions innovantes dans le domaine de la théorie sociale globale en raison de la nature périphérique du champ.

**Mots-clés:** Théorie sociale; Théorie sociologique; Sociologie brésilienne; Géopolitique de du savoir; Sociologie de la sociologie.